

BASILIO DE MAGALHÃES

Bernardo Guimarães

(ESBOÇO BIOGRAPHICO E CRITICO)



1926

TYPOGRAPHIA DO
ANNUARIO DO BRASIL
RIO DE JANEIRO



A Soja "Charitas"

offerece

18.

A. de Castro Teixeira

20-10-926

BERNARDO GUIMARÃES

922M 7/88

M 188

483

BASILIO DE MAGALHÃES

St. Loja: "Charitas" off.

de Castro Teixeira 18.
20-10-926

Bernardo Guimarães

(ESBOÇO BIOGRAPHICO E CRITICO)

Biblioteca de São João del-Rei

OTECNA DA LOJA MAÇONICA
N.º 11 - SÃO JOÃO DEL-REI - MG

483

11/11/92



1926

TYPOGRAPHIA DO
ANUARIO DO BRASIL
RIO DE JANEIRO

EXPLICAÇÃO NECESSARIA

Ao natural carinho com que, desde o começo da minha já hoje extincta mocidade, sempre tratei a gloriosa terra em que tive a fortuna de nascer, juntou-se mais um estímulo para o surto deste trabalho: — o convite com que me distinguiu a Academia Fluminense de Letras, a qual me deu a honra de eleger-me socio correspondente, para, no dia em que fosse eu recebido no seu operoso e brilhante gremio, dizer da vida e da produção literaria de Bernardo Guimarães, cujo centenario se commemorou no anno findo.

Motivos mais fortes do que a minha vontade impediram-me de realizar alli a prometida conferencia e obrigaram-me a retardar a

publicação deste opusculo, iniciada em 1925. Sae elle, comtudo, a lume com a data em que foi escripto e se lhe começou a impressão, afim de corresponder, pelo intuito que o dictou e dentro do limite do tempo habil, á homenagem a que visa.

Si não figurou, á hora justa, nos preitos com que o escol intellectual do Brasil lembrou a figura singular e inconfundivel do grande escriptor mineiro do seculo passado, — ao menos os completará este volume, que se destina a perpetuar sobre ella uma aureola traçada pela sinceridade da critica e pelas tintas indeleveis da documentação historica.

S.-João-del-Rey, 31 de janeiro de 1926.

BASILIO DE MAGALHÃES.

I

TRAÇOS BIOGRÁFICOS GERAES

I

TRAÇOS BIOGRAPHICOS GERAES

No formoso talento de Bernardo Guimarães observa-se o phenomeno da herança, que tambem se lhe verifica na descendencia. A característica de toda a familia, desde o seculo XVIII até á hora presente, é a feição intellectual (1).

Poeta e prosador foi o pae, João Joaquim da Silva Guimarães, que, nascido em Sabará por 1777 (2), falleceu octogenario a 24 de ju-

(1) Como affirma Francisco Coelho Duarte Badaró («Parnaso Mineiro», pag. 36)), «o astro poetico n'essa familia de Silva Guimarães é um dom da natureza».

(2) Blake dá-lhe para o nascimento o anno de 1778; Innocencio («Diccionario bibliographico portuguez») e Mario de Lima («Esboço da historia lite-

nho de 1858. Exerceu varios cargos de eleição popular em sua provincia e representou-a na primeira legislatura geral (1826-1829), como supplente do conego Januario da Cunha Barbosa, que preferiu tomar assento na assembléa temporaria do imperio pela provincia do Rio-de-Janeiro. Ficaram esquecidos, por sepultos nos periodicos de Minas, os seus escriptos sobre assumptos politicos, economicos e literarios. Das rimas que produziu e que ficaram na maior parte inéditas, apenas se conhecem as que o extremoso filho colligiu e deu a lume nas «Folhas do outomno». São doze poemetos, que, sobre revelarem influencia classica, traem as mesmas propensões manifestadas depois por Bernardo: — o amor das tradições patrias e a critica dos costumes nacionaes. É o que se infere principalmente da «Elegia á morte de d. Pedro I», do «Apolo», dos sonetos «O empregado publico» e «A um amigo da roça».

Os dois filhos mais velhos do escriptor sabarense votaram-se igualmente á cultura das letras, embora com menos brilho e fecundidade do que o ultimo nato.

ria de Minas»), o de 1798. Mas, em artigo commemorativo do primeiro anniversario do fallecimento do pae, publicado anonymo por Bernardo Guimarães na «Actualidade» de 9 de julho de 1859, vem a data certa de 1777.

O primeiro, Joaquim Caetano da Silva Guimarães, nascido em 6 de maio de 1813 e fallecido a 20 de agosto de 1896, chegou ao alto cargo de ministro do Supremo Tribunal de Justiça. Durante o curso da faculdade paulista, na qual se bacharelou, «escreveu varios dramas e comedias, que foram representados com muito applauso pelos estudantes», conforme assevera Blake («Diccionario bibliographico brasileiro», t. IV, pag. 115). Mas, além de um pequeno folheto sobre «A agricultura em Minas» (editado em 1865), sómente publicou um romance, «João e Francisco», saído do prélo em 1878. É obra de pouco merito literario, e, por isso mesmo, ha muito immersa no olvido. Conta-se que, tendo duvidas quanto ao melhor destino a dar ás personagens do titulo, consultou sobre o remate do trabalho ao irmão, já consagrado a esse tempo como um dos mais populares novelistas do Brasil. E Bernardo deu-lhe, promptamente e espirituosamente, o conselho de matar tanto o «João» quanto o «Francisco»... (*).

(*) Seja-me permittido consignar, aqui, que, si o conselheiro Joaquim Caetano não legou ao nosso escriptorio esthetico joias de subido valor, deixou cinco distinctas filhas, todas as quaes desposaram intellectuaes de notorio saber scientifico ou literario, Henri Gorceix, Paul Ferrand, Alcides Medrado, João Pandiá Calogeras e Affonso Guimarães, dos quaes só vivem

O segundo, Manuel Joaquim da Silva Guimarães, nascido em 1821 e fallecido em 1870, recebeu ordens sacras e parochiou por algum tempo as freguezias mineiras de Araxá e Uberaba, donde foi transferido para a sul-riograndense de Santo-Angelo. Como houvesse prestado bons serviços ás nossas tropas durante a guerra do Paraguay, escolheu-o d. Pedro II para conego da Capella Imperial. Estava elle longe da côrte, ao passo que se achava aqui um experto capellão do exercito, portador do mesmo nome, que se apresou a empossar-se no cargo. O verdadeiro agraciado entendeu de não abrir litigio com o seu homonymo. Limitou-se a supprimir o sobrenome e a acrescentar ao cognome o toponymo «Araxá». Morreu pauperrimo, nesse mesmo anno, tendo-lhe feito os funeraes o barão de Paranapiacaba, que foi quem lhe salvou os versos manuscriptos. Nas «Folhas do outomno», estampou Bernardo Guimarães duas producções do irmão (sem lhe acceitar, todavia, a mudança de nome): — «Saudades

os dois ultimos. Ao irmão mais velho de Bernardo consagra Almeida Nogueira («A Academia de S.-Paulo — Tradições e reminiscencias — Estudantes, estudantes, estudantadas», 4.^a série, pags. 146—149) um interessante capitulo. Além de confirmar o juizo de Blake, acrescenta que Joaquim Caetano foi «vigoroso jornalista, armado de estilo colorido e animado».

da minha aldeia» e «O invalido de Caseros». Aquella é de um suave e encantador bucolismo, em espontaneos, singellos e sonoros versos brancos. Além dessas rimas, só se lhe conhece mais o poemeto «O ipé, rei das florestas», enfeixado nas «Harmonias brasileiras» (pags. 27-33), de A. J. de Macedo Soares (*).

Dos quatro filhos vivos de Bernardo, um, o que recebeu o nome paterno, tambem lhe herdou a vêia humoristica, registada não em livros, mas em revistas; os dois mais velhos são estilistas de renome, distinguindo-se Horacio, como jornalista e poeta, e Affonso, por volumes como «Ossa mea» e «Os borrachos», que o extremaram pela singularidade da psychologia e da expressão verbal entre os actuaes escriptores mineiros; e o mais moço, Pedro, que já foi deputado estadual e de vez em quando tórça armas na imprensa, escreveu um livro de contos e chronicas, «Nada», porém mais particularmente se consagrou ás investi-

(*) Na «Collectanea de autores mineiros», organizada pelo dr. Mario de Lima, para a commemoração do centenario da independencia, figuram (vol. I, «Poetas», pags. 353—363 e 397—400) aquellas mesmas composições, a que o amor filial e o apego fraternal de Bernardo Guimarães deram condigno abrigo nas «Folhas do outomno». A João Joaquim da Silva Guimarães e ao padre Manuel Joaquim da Silva Guimarães tambem faz ligeiras referencias F. C. Duarte Badaró (*op. cit.*, pags. 35—37 e 50—51).

gações historicas e ethnographicas do nosso paiz, qual o attestam as suas excellentes monographias «Factos da historia de Minas», «A escravidão», «O municipio de Itajubá» e «O que nos resta do Pindorama». Ha ainda um sobrinho-neto de Bernardo, por nome João, em quem mais parecem manifestar-se a intelligencia improvisadora e os pendores primeiros do tio-avô para as estudantadas e para a satirização dos homens e das coisas. E, finalmente, sobrinho do autor dos «Cantos da solidão» era Alfonsus de Guimaraens, o symbolista de mais doce espiritalismo christão e humano, que até hoje appareceu e refulgiu no Brasil, assim como o é Archangelus de Guimaraens, lyrista de fina sensibilidade.

Nascido em Ouro-Preto, a 15 de agosto de 1825 (*), teve Bernardo, aos quatro annos

(*) Fixam-lhe em 1825 o nascimento os seguintes escriptores: — Francisco Coelho Duarte Badaró, Arthur Azevedo, Laudelino Freire, Felicio Buarque, Arthur Motta e Dilermando Cruz; Innocencio, Blake, Xavier da Veiga, Almeida Nogueira, Teixeira de Mello, Silvio Roméro, José Verissimo, Clovis Bevilaqua, Ronald de Carvalho, Eugenio Werneck, Victor Orban e Mario de Lima attribuem-lhe a 1827 a vinda ao mundo; e Nelson de Senna dá-lhe erradas as datas do nascimento (1837) e do fallecimento (1885). Enfileirando-

de idade, de acompanhar os paes para Uberaba, onde passaram a residir e estanciamaram algum tempo.

Foi na princeza do Triangulo Mineiro que aprendeu as primeiras letras e que lhe abraçou o espirito infantil, fadado a grande vãos,

se na maioria, extranhou Xavier Pinheiro, pelo «Journal do Commercio» de 15 de agosto findo, não esperasse a Academia Brasileira de Letras mais dois annos, para commemorar em tempo habil o centenario do autor dos «Cantos da solidão».

Parece-me que a culpa do engano cabe toda ao proprio Bernardo Guimarães, que, certamente afim de passar por mais moço, assim contou a éra em que soltou o primeiro vagido, nos versos intitutados «Ao meu anniversario (15 de agosto)», datados de «15 de agosto de 1859» (estampados na «Actualidade», n. de 20 de agosto de 1859, e reproduzidos no volume das «Poesias», ed. de 1865, pags. 184—191):

«Já lá vão *lustros seis e mais dois annos*
Que encontras-me na vida,
Cada vez mais moído e atrapalhado
Nesta enfadonha lida!»

Não podia elle ignorar que nascera em 1825, porque com tal declaração se matriculou na Faculdade de Direito de S.-Paulo e consta ella da sua carta de bacharel, que vi ha poucos dias em Bello-Horizonte, onde está carinhosamente guardada por sua exma. viuva.

E, si ainda pairasse qualquer duvida sobre a verdadeira data em que se lhe devesse commemorar o centenario, cessaria ella de vez, ante a seguinte cópia do termo de assentamento do baptismo de Ber-

a scintilha da inspiração, para perpetuar em rimas desataviadas e sinceras as emoções que sentiu ante os encantos daquella empolgante natureza sertaneja.

Confessa-o elle proprio, no final do poemeto «Saudades do sertão do oeste de Minas» («Folhas do outomno», pags. 153-162), escripto em Ouro-Preto por dias de maio de 1882, quando a pallida fechadora do caminho da existencia objectiva já o compellia a volver os tristes olhos da alma combalida para os primeiros, alegres e descuidosos passos da infancia e da adolescencia:

«Uberrima Uberaba,
Onde, na léda infancia, hei percorrido
Da vida o tirocinio,
Em minha alma a lembrança não se acaba

Bernardo Guimarães, existente no archivo da matriz de Ouro-Preto, livro 6º, fls. 167 *verso*:

— «Aos 5 (cinco) dias do mez de setembro de 1825 (mil oitocentos e vinte-e-cinco), nesta igreja-matriz de Nossa Senhora do Pilar desta imperial cidade de Ouro-Preto, o reverendo coadjutor João Moreira Duarte baptizou e poz os santos oleos a Bernardo, innocente, filho legitimo do capitão João Joaquim da Silva Guimarães e sua mulher Constança de Oliveira. Foram padrinhos o dr. Bernardo Antonio Monteiro e d. Maria Fausta de Oliveira. Do que mandei fazer este assento. — O vigario (a) José Pereira de Carvalho».

Dos vossos lindos valles, verdes montes,
Dos vossos claros, largos horizontes.

Foi nesse céu de magicos fulgores,
Nessas vargens interminas, fecundas,
De perennaes verdes,
Entre os solennes, mysticos rumores
Dessas mattas profundas,
Que da poesia na sagrada fonte
Pela primeira vez banhei a fronte...»

Estes dois ultimos versos evocaram-me á
lembrança os do delicioso idyllio «Il guado»,
de Olindo Guerrini:

*«O caro fiumicel del mio paese,
Tu sol m'hai fatto diventare poeta...»*

Muito cuidadoso da educação dos filhos,
fel-o o pae seguir para Campo-Bello, onde
funcionava por esse tempo um conceituado
seminario, afim de iniciar alli o curso de hu-
manidades, que Bernardo concluiu no collegio
do padre-mestre Leandro, em Ouro-Preto, para
onde então já havia regressado a familia.

Beirava os 17 annos, quando estalou em
Minas a revolução liberal de 1842. De posse
de bons elementos e contando com o apoio
de muitas das mais importantes povoações da
provincia, o exercito chimango, em marcha so-
bre a capital, atacou a villa de Queluz, a 26
de julho. Corre como certo que Bernardo,

— maugrado pertencer o pae ao partido conservador, — fugiu do lar ou do collegio e foi enfileirar-se entre os insurgentes. De sua exma. viuva ouvi a narração de que o tradicionalmente sabido no seio da familia era que Bernardo, acompanhado do irmão Manuel e de escravos, servira em Queluz como artilheiro e, acabado o combate, abandonára sem demora o campo de batalha, chegando a casa faminto, esfarrapado e disposto a não mais se arrojar a proesas militares. Destas informações conluo que elle não serviu aos rebeldes e sim aos legalistas ⁽¹⁾, porque só estes, que foram os derrotados e debandados alli, é que dispunham de artilharia, — uma unica peça de calibre 3, como se vê dos documentos contemporaneos ⁽²⁾.

Contava 22 annos, quando em 1847 se matriculou na Faculdade de Direito de S.-Pau-

(1) Esposou Dilermando Cruz a versão mais verosimil, pois no seu trabalho sobre «Bernardo Guimarães» (2.^a ed., pag. 174) affirma que este «andou accendendo com o morrão a mécha dos canhões da legalidade». Aliás, devera ter escripto «do canhão», porque era um só.

(2) *Conego José Antonio Marinho* — «Historia do movimento politico, que no anno de 1842 teve logar na provincia de Minas-Geraes» (I, 208-209); e *Bernardo Xavier Pinto de Sousa* (a 1.^a ed. não lhe traz o nome) — «Historia da revolução de Minas-Geraes em 1842...» (pags. 211, 219 e 255).

lo. Acompanhou-o um escravo, que o pae lhe déra, e de cujo trabalho só se aproveitou, montando para o mesmo uma vendola, cujos lucros, não consideraveis, ambos repartiam fraternalmente. Coração em que predominavam os sentimentos altruisticos, não admira que Bernardo, cujo abolicionismo estúia na «Escrava Isaura» e em «Rosaura, a enjeitada», tenha escripto, quiçá em memoria do seu fiel e dedicado servo, as commoventes estrophes «Á sepultura de um escravo» («Poesias», 97-99).

Segundo o testemunho de J. L. de Almeida Nogueira («A Academia de S.-Paulo — Tradições e reminiscencias — Estudantes, estudantões, estudantadas», 2ª série, pags. 168-173), Bernardo Guimarães era «alto, magro, tez morena, barba toda e pouca, anellada, assim como os cabellos, que eram castanhos e repartidos á direita; testa larga, com grandes entradas; olhos garços e scismadores; a sua expressão physionomica, que, na quadra academica era viva e prazenteira, revestiu-se, com o perpassar do tempo, de vaga melancholia, que se foi transformando em sombria tristeza».

Entre outros collegas de mentalidade congenial, depararam-se-lhe alli Alvares de Azevedo e Aureliano Lessa, dos quaes se tornou inseparavel. Constituiram, diz acertadamente Felicio Buarque («Almanack Alves» de 1917,

pag. 180), «um *triumvirato*, que então se fez notavel nas chronicas academicas, por suas extravagancias e talento; e entre elles havia tanta unidade de vistas, que chegaram a projectar a publicação commum das *Tres lyras*, para confundirem as suas inspirações de irmãos, no sentir e no pensar» (*).

Naquella época, achava-se influenciada sobremaneira pela leitura de Byron, Lamartine, Musset e Espronceda a juventude academica, que preferia á aridez das Pandectas, ao ranço das theorias de Lobão e dos textos do Codigo Philippino o namorar as lindas filhas da Paulicéa, o entoar-lhes endechas lamuriasas em serenatas por noites enluaradas, o pedir ao alcool mais fogo para o estro ou lenitivo a maguas de amor, reaes umas e imaginarias outras. A moda «moral» impunha então aos moços e ás moças, — não obstante o rouxinolear-lhes na alma a limpida primavera da vida, sob a luz ardente do sol tro-

(*) Foi talvez a prematura morte de Alvares de Azevedo que mallogrou esse projecto de fraternidade intellectual. Cumpre ler, sobre isso, o discurso do dr. D. Jacy Monteiro («Poesias de Alvares de Azevedo», 1.^a ed., pag. X). A feliz idéa foi aproveitada mais tarde por tres poetas maranhenses, Trajano Galvão de Carvalho, Antonio Marques Rodrigues e Gentil Homem de Almeida Braga, cuja collectanea commum de versos, «Tres lyras», veiu á luz em 1862.

pical, — não as côres vívidas da saúde, nem o radioso e communicativo prazer da existencia, mas a pallidez doentia das feições, o merencoreo da verbalidade, do gesto e das attitudes, em summa, a feral tristeza de ansias insatisfeitas e amores mallogrados e o macabro acabrunhamento de paixões desvairadas e tragicas, com que a morbida literatura da primeira metade do seculo XIX saturava a ideação e derrancava a enfiatura do nosso juvenil escol intellectual. •

Couto de Magalhães, que pertenceu a essa quadra, mostra, na «Revista da Academia de S.-Paulo» (1859), citando ainda um depoimento dilucidativo, não sómente como é que esses rapazes ultra-romanticos organizaram a sua bohemia esturdia, — em que, todavia, o alcouce e a tavolagem não tinham representação obrigatoria, — mas tambem o papel que ahi coube a Bernardo Guimarães. Em casa deste (*), pelas noites de quarta-feira, fazia-se uma ceia *escholastica*, durante a qual um dos convivas deitava o seu *bestialogico*, em

(*) Por informação de Couto de Magalhães («Actualidade», n. de 28 de novembro de 1861), sabe-se que, em S.-Paulo, Bernardo Guimarães e Aureliano Lessa moravam juntos, no penultimo predio sito á rua da Forca, proximo á rua da Santa Casa. Alvares de Azevedo residia no Campo dos Curros (actualmente, Praça da Republica).